

CRISE CHEGA À RUA 46

Daniela Mendes
Correspondente

Nova York — Há quinze anos em Nova York, o brasileiro Wellington Silva acompanhou, e sofreu na pele, todos os movimentos da política econômica de seu país. Como comerciante, pegou máximas desvalorizações, testemunhou à distância todos os planos heterodoxos para derrubar a inflação e viu o número de clientes dobrar com o Plano Real e a moeda forte.

Dono de duas lojas na Rua 46, também conhecida como *Little Brazil*, onde se concentra a maioria dos brasileiros radicados na cidade, Wellington está assustado. "Nunca vi a clientela desaparecer tão de repente", conta.

Desde que o real foi desvalorizado, os turistas brasileiros sumiram das lojas. Wellington estima que seu faturamento vá cair pela metade este mês e, para não mandar ninguém embora, os funcionários trabalharão dia sim, dia não. "Janeiro já é um mês fraco, mas agora está muito ruim", dizia ontem, desolado.

O panorama na 46 mudou. As lojas estão vazias, é difícil ver turistas na rua e brasileiros carregados de sacolas são uma cena de 1998. O baque maior da desvalorização, que já ultrapassa 35%, está sendo sentido agora, mas, na verdade, os turistas brasileiros começaram a fechar a carteira em setembro do ano passado.

Naquela época, o mundo estava traumatizado com a moratória da Rússia, declarada em agosto, e o Brasil havia sido alçado à condição de bola da vez no mercado internacional. O desemprego no país crescia, os boatos de desvalorização da moeda se intensificavam e a dúvida era o sentimento predominante. Agora o clima é de incerteza total.

INSEGURANÇA

"As pessoas ficam mais inseguras, têm medo. Fazem muita conta antes de comprar. Vai ficar assim por uns dois meses", estima Mary Wehbe, responsável pela área de cosméticos da loja *Brazil Way*, brasileira há vinte anos em Nova York.

Alcir da Silva



Oscar e Marize só viajaram porque o pacote já estava pago, mas a cautela nas compras aumentou: "Cartão de crédito, só numa emergência"

O efeito mais imediato é no cartão de crédito. Sem saber qual o tamanho da fatura em reais das compras feitas em dólar, os turistas voltaram a comprar à vista.

"Cartão de crédito, só numa emergência", sentencia o carioca Oscar Kastrup, que chegou ontem a Nova York com a mulher Marize.

"Antes de viajar comprei dólares a R\$ 1,75, exatamente para evitar usar o cartão", acrescentou. Segundo Marize, a viagem só não foi cancelada porque o pacote de uma semana já estava pago e a maior parte dos dólares comprada. "Tivemos de reavaliar as compras, só vamos levar encomendas. Preferimos

"AS PESSOAS FICAM MAIS INSEGURAS, TÊM MEDO. FAZEM MUITA CONTA ANTES DE COMPRAR. VAI FICAR ASSIM POR UNS DOIS MESES"

Mary Wehbe,
da loja *Brazil Way*

e as três filhas passar uma semana nos Estados Unidos. Planejavam ficar em Nova York e dar uma esticada até Washington, mas embarcarão de volta para o Brasil hoje, sem cumprir a segunda etapa da viagem.

"Pensamos em desistir, mas as passagens e o hotel já estavam pagos. Aí resolvemos adaptar a viagem à nova realidade", disse Otávio. "Diminuímos os gastos em restaurante e compramos ingressos de ópera mais baratos", explicou. "O ruim

mesmo é a tensão. Temos de fazer mais contas e pensar muito antes de fazer qualquer despesa. Isso piora a viagem", resume Nísia.

SACOLEIRAS

A desvalorização do real acertou em cheio também o comércio das ruas 37 e 38, onde as sacoleiras, que compram roupas no atacado e revendem no Brasil, perfazem cerca de 50% da clientela. "Desde setembro o movimento diminuiu e neste mês ainda não vi nenhum brasileiro", conta Raymond Karay, da loja *Danny Roberts*. Ávido por notícias do real, ele passou a acompanhar o noticiário econômico sobre o país.

"Só estamos tendo clientes grandes; os médios sumiram", diz a vendedora brasileira Nara Melo. Contratada pela loja *Sara's Collection* para atender especialmente o público brasileiro, com essa crise, ela teme por seu futuro. "Se as coisas não melhorarem, terei de aprimorar meu espanhol para lidar com outros latinos", imagina.

As oscilações da moeda afetaram ainda os grandes negócios. Dono da *MC Trading and Export*, além de vender eletrônicos e outros báculos, Marcos Sacchi exporta brinquedos de parques aquáticos para o Brasil, em operações que levam até seis meses para serem concluídas. Agora está tudo em suspenso. "Tenho mercadorias para entregar em 40 dias e não sei o que vai acontecer", afirma. "Tive clientes que ligaram dizendo que estavam efetuando o pagamento, mas não mandaram o dinheiro."

CONQUISTAS

Os comerciantes têm esperanças de que, depois do carnaval, a situação se acomode. Mas sabem que as vendas fartas dos primeiros dois anos de moeda estável dificilmente voltarão.

Assim como o frango e o iogurte foram conquistas da população pobre nos últimos anos, o real tornou Nova York acessível e a classe média baixa pôde realizar o sonho de viajar para o exterior.

Em 1997, cerca de 333 mil brasileiros visitaram Nova York — foi o quinto maior grupo de turistas estrangeiros. Ainda não se sabe que impacto as mudanças na economia do Brasil trarão para o comércio e o turismo da cidade, mas os lojistas brasileiros têm uma pista.

Com a desvalorização, os comerciantes da rua 46 acreditam que o turista brasileiro antigo, de maior poder aquisitivo, que gasta US\$ 3 mil, US\$ 4 mil em compras e hoje prefere viajar para a Europa, voltará a freqüentar a cidade. "Hoje o movimento é alto, mas as vendas pequenas. Acho que voltaremos à situação do passado, de pouco movimento, mas vendas grandes", diz Sacchi.